ISSN: 1981-8963 DOI: 10.5205/reuol.1718-1196-1-LE.0511spe201104

Revista de Enfermagem UFPE On Line
ISSN: 1981-8963

ORIGINAL ARTICLE

USE OF CONDOMS BY MALE STUDENTS IN A PUBLIC SCHOOL

USO DE PRESERVATIVOS POR ESTUDANTES DO SEXO MASCULINO DE UMA ESCOLA PÚBLICA

USO DE PRESERVATIVOS POR ESTUDIANTES DEL SEXO MASCULINO DE UNA ESCUELA PÚBLICA

Isabela Querino de Santana[1], Yasmin Gabriella Cardoso dos Santos[2], Karenina Elice Guimarães Carvalho[3], Ednaldo Cavalcante de Araújo[4]

ABSTRACT

Objective: to identify the use and the acceptance of the male and female condoms by male students in junior high at a public school. ***Method:*** quantitative approach descriptive and explorative study, carried out at a public school in the city of the Recife/PE, Brazil with 50 male adolescent students in middle school. The data collection was carried out by a questionnaire and the data analyzed by the Epi-Info 3.5 software. The research was approved by the Research Ethics Committee of UFPE under protocol No. 191/10. ***Results:*** there was predominance of students' with 16 years of age (42%), attending their 2nd year of middle school (46%); they all declared themselves to be heterosexuals (100 %) and, and the majority, single (98%); 70% used the male condom as the only way of preventing STD/aids; television was the primary means of spreading information about preventive methods with 56% of the answers; 90 % had never sexual relation with a female condom; 92% found that acquiring the female condom in pharmacies to be more convenient; the use of the male condom with a girlfriend happened 24% *sometimes*, and 12% *never*; they always used it 40% with occasional partners; 30% do not use because of confidence in their partner; 74% acquire male condoms in pharmacies. ***Conclusion:*** the results showed varied opinions about the male and female condoms, and showing the ignorance about the female condom, implicating its low acceptance with the investigated individuals. These appeared favorable to the use of the male condoms in sexual relations, nevertheless, this use was not routine, principally in stable relationships, where they stopped using them. ***Descriptors***: teenager; condoms; students; sexually transmittable diseases; health education.

RESUMO

Objetivo*:** identificar o uso e a aceitação dos preservativos masculino e feminino por estudantes do sexo masculino do ensino médio de uma escola pública. ***Método: estudo descritivo e exploratório, de abordagem quantitativa, realizada em uma escola pública da cidade do Recife/PE, com 50 adolescentes do sexo masculino, estudantes do ensino médio. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário e os dados analisados no software Epi-Info 3.5. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFPE sob protocolo 191/10. ***Resultados:*** houve predominância de estudantes com 16 anos de idade (42 %), cursando o 2° ano do ensino médio (46 %); todos se declararam heterossexuais (100%) e, em sua maioria, solteiros (98%); 70% utilizaram o preservativo masculino como única forma de se prevenir contra IST/aids; a televisão foi o principal meio de divulgação de informações sobre métodos preventivos com 56% das respostas; 90% nunca tiveram relação sexual com o preservativo feminino; 92% acham mais conveniente adquirir o preservativo feminino em farmácias; o uso do preservativo masculino com a namorada realizou-se 24% *às vezes*, e 12% *nunca*; 40% o utilizavam sempre com parceiras ocasionais; 30% não utilizam por confiança na parceira; 74% adquirem preservativos masculinos em farmácias.***Conclusão:*** os resultados mostraram opiniões variadas sobre os preservativos masculinos e feminino, e direcionaram para o desconhecimento sobre o preservativo feminino, implicando na sua baixa aceitação por parte dos pesquisados. Estes se mostraram favoráveis ao uso dos preservativos masculinos nas relações sexuais, contudo, essa utilização não foi rotineira, principalmente em relação estável, onde deixaram de utilizá-lo. ***Descritores***: adolescente; preservativos; estudantes; doenças sexualmente transmissíveis; educação em saúde.

RESUMEN

Objetivo: identificar el uso y aceptación de los preservativos masculino y femenino por estudiantes del sexo masculino de la enseñanza secundario de una escuela pública. ***Método***: estudio descriptivo y exploratorio, de abordaje cuantitativo, realizado en una escuela pública de la ciudad de Recife/PE, con cincuenta adolescentes del sexo masculino, estudiantes de enseñanza secundaria. La recogida de datos se realizó por medio de un cuestionario y los datos analizados por el software Epi-Info 3,5. La investigación fue aprobada por el Comité de Ética en Investigación de la UFPE bajo protocolo 191/10. ***Resultados***: hubo predominio de estudiantes de 16 años de edad (42%), cursando el segundo curso de Enseñanza Secundaria (46%); todos se declararon heterosexuales (100%) y en su mayoría solteros (98%); 70% usaron el preservativo masculino como única forma de prevenirse contra Enfermedades de Transmisión Sexual/sida; la televisión fue el principal medio de divulgación de informaciones sobre métodos preventivos con 56% de respuestas; 90% nunca tuvieron relación sexual con preservativo femenino; 92% creen más conveniente adquirir el preservativo femenino en farmacias; el empleo del preservativo masculino con la compañera se realizó el 24% a veces y el 12% nunca. 40% lo utilizaban siempre con compañeras ocasionales; 30% no lo utilizan por confiar en la compañera; el 74% adquieren preservativos masculinos en farmacias. ***Conclusión***: los resultados expresaron opiniones variadas sobre los preservativos masculino y femenino, y señalaron cierto desconocimiento sobre el preservativo femenino, implicando su baja aceptación por parte de los investigados. Estos se mostraron favorables al uso de preservativos masculinos en las relaciones sexuales, aunque esta utilización no fue de rutina, principalmente en el caso de relaciones estables, en las que dejaron de utilizarlo. ***Descriptores***: adolescentes; preservativos; estudiantes; enfermedades sexualmente transmisibles; educación en sanidad.

[1]Enfermeira graduada pela Universidade Federal de Pernambuco/UFPE. Recife (PE), Brasil. Ex-bolsista PIBIC. E-mail: belaqs@gmail.com; [2]Enfermeira graduada pela Universidade Federal de Pernambuco/UFPE. Recife (PE), Ex-bolsista PIBIC Voluntária. Brasil. E-mail: yabela2199@hotmail.com; [3]Enfermeira. Discente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem – Mestrado Acadêmico, do Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Pernambuco/PPGENF/CCS/UFPE. Recife (PE), Brasil. E-mail: karenelice@yahoo.com.br; [4]Enfermeiro. Professor Pós-doutor do Departamento de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, do Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Pernambuco/PPGENF/CCS/UFPE.. Recife (PE), Brasil. Pós-doutor pela Université René Descartes. Departement des Sciences Sociales. Faculté des Sciences Humaines et Sociales – Sorbonne/Paris V, France. E-mail: ednenjp@gmail.com

Estudo realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/CNPq PIBIC/UFPE, 2009-2010. Recife (PE), Brasil.

ISSN: 1981-8963 DOI: 10.5205/reuol.1718-1196-1-LE.0511spe201104

INTRODUÇÃO

Nesse novo milênio ainda é observado o aumento do número de portadores do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e doentes com a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (aids), muitos vítimas da desinformação perpetuada pelo sistema educacional precário e pouco compromissado das políticas públicas de saúde na prevenção às doenças e aos agravos à saúde de adolescentes e jovens. Concomitantemente a este problema mundial, os tabus e preconceitos que envolvem a sexualidade propiciaram a disseminação destas epidemias, atingindo mais 70 milhões de pessoas.[1-2]

A iniciação sexual associada à onipotência juvenil, e a cultura da sexualidade imprudente vigente na sociedade moderna, favorecem a exposição às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) de muitos adolescentes e jovens. A partir da alta incidência de gravidez na adolescência, pode-se deduzir a dimensão do risco para as IST tratáveis como a gonorreia, as de controle difícil, como o HPV, e as incuráveis, comprometedoras da existência humana: o HIV/AIDS.[1-3]

Os adolescentes de classes socieconômicas desfavorecidas iniciam a vida sexual, em média, no sexo feminino, entre os 15 e 17 anos e, no masculino, entre os 13 e 15 anos. Também, sabe-se que nas classes socioeconômicas mais privilegiadas há tendência a iniciação sexual mais tardia. A maioria dos adolescentes, mesmo conhecendo os riscos de se contaminarem com alguma IST, inicia as relações sexuais sem proteção e, no seguimento da atividade sexual, o uso sistemático deixa quase 60% sem proteção contra às IST.[1-3]

Os jovens têm maiores probabilidades de contrair mais IST que as pessoas adultas, por vários motivos, dentre eles: a relação sexual não planejada, desinformação sobre o assunto, e uso inconsitente de preservativos ou o não uso destes.[1-3]

É na menacme, época de maior atividade sexual e, de maior exposição aos agentes infecciosos sexualmente transmissíveis, tanto pelos microtraumas que ocorrem durante a relação como pela possibilidade de processos infecciosos e/ou inflamatórios concomitantes que facilitam a infecção. Assim, o número de parceiros sexuais pode aumentar o risco de infecção por vários meios.[1-3]

Com tudo isso acontecendo, o grande risco é do adolescente e do jovem não apresentarem ainda maturidade suficiente para lidar com essa precocidade. Às vezes, tem-se acesso à informação, mas se não consegue utilizá-la porque é jovem demais, ou tem acesso à informação, mas no momento de decisão, não tem maturidade emocional para lidar com essa situação.[1-3]

Tal tipo de situação é mais comum com quem é inexperiente, com quem está começando a praticar o sexo e se é muito novo por falta de maturidade, insegurança e, também, por questão de autoestima. Esses fatos dificultam a tomada de decisão consciente e responsável dos adolescentes e dos jovens para o exercício da sexualidade com menos riscos de IST/HIV/AIDS.[1-3]

Portanto, com base no exposto torna-se evidente a gravidade desta problemática do HIV e da aids entre os adolescentes e os jovens, visto que estes estão mais propensos a contrair não só o HIV e a aids, mas outras IST curáveis e incuráveis, quando comparados aos adultos, justificando assim, a realização desse estudo que tem como objetivo identificar o uso e a aceitação dos preservativos masculinos e feminino pelos estudantes do sexo masculino, matriculados no ensino médio de uma escola pública do Recife-PE, Brasil.

MÉTODO

O presente estudo foi extraído do Relatório Final do Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica/CNPq/UFPE, intitulado *Promoção da saúde e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis entre estudantes: uso e aceitação dos preservativos,* vigente de agosto de 2009 a 2010. Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória, de abordagem quantitativa. A pesquisa descritiva aborda as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre as variáveis e a pesquisa exploratória aprimora as ideias ou descobertas de intuições, tornando o problema mais familiarizado com o autor.[4]

A pesquisa exploratória busca identificar as dimensões dos fenômenos, a forma como se manifestam e seu relacionamento com outros fatores. A abordagem quantitativa possibilita a manipulação de dados numéricos e sua análise por meio de procedimentos estatísticos.[5]

Nesse estudo, a população foi constituída de estudantes do sexo masculino, matriculados no ensino médio da Escola Dom Bosco, situada no bairro de Casa Amarela, Recife-PE, Brasil. A escolha da referida Instituição se deu pelo fato da receptividade para realização desse tipo de estudo e de outros projetos já estarem sendo

ISSN: 1981-8963 DOI: 10.5205/reuol.1718-1196-1-LE.0511spe201104

desenvolvidos relacionados à saúde do adolescente.

A amostra intencional, não probabilística, foi constituída de 50 estudantes do sexo masculino, após serem levados em consideração os seguintes critérios:

1) Estudantes na faixa etária entre os 15 e 20 anos e frequentando o ensino médio.[6]

2) Que aceitaram participar voluntariamente do estudo.

3) Que foram autorizados pelos responsáveis da escola a participarem do estudo.

Para a coleta de dados, o instrumento foi um questionário, aplicado no ano de 2010, contemplando as variáveis independentes: idade, estado civil, orientação sexual; e variáveis resultados: comportamento sexual de risco para o HIV e a AIDS; conhecimentos e atitudes com relação ao uso de preservativos.

Inicialmente, entrou-se em contato com o diretor da escola cuja finalidade foi obter autorização para a realização da pesquisa. Em seguida, os pesquisadores obedeceram às seguintes etapas: 1) Contato com os estudantes da escola; 2) Explicação sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa; 3) Solicitação aos estudantes do apoio para a realização do estudo; 4) Depois de obtida a autorização do estabelecimento, a liberação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Ciências da Saúde da UFPE e do aceite dos estudantes, a pesquisa foi iniciada com aplicação do instrumento de pesquisa.

O estudo atendeu às determinações preconizadas pela Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que normatiza as pesquisas envolvendo seres humanos e foi aprovada pelo CEP do CCS/ UFPE, sob número de protocolo n° 191/10[7].

Os dados foram analisados estatisticamente por meio do software Epi-Info versão 3.5. e organizados em tabelas.

RESULTADOS

Os dados apresentados na Tabela 1 integram informações relevantes acerca da amostra pesquisada, em que são observadas características relativas a algumas variáveis sociodemográficas. Foi verificado que houve a predominância de estudantes com 16 anos de idade (42%), cursando o 2° ano do ensino médio (46%). Quanto à orientação sexual, todos se declararam heterossexuais (100%) e, em sua maioria, solteiros (98%).

Tabela 1. Características dos estudantes do sexo masculino de uma escola pública estadual do Recife – PE, 2010.

Características	Especificações	n=50	%
Idade	15 anos	07	14
	16 anos	21	42
	17 anos	14	28
	18 anos	07	14
	19 anos	01	02
Série	1° Ano	14	28
	2° Ano	23	46
	3° Ano	13	26
Orientação Sexual	Heterossexual	50	100
Estado Civil	Solteiro	49	98
	Casado	01	02

Na Tabela 2, é observado que 70% dos estudantes utilizaram o preservativo masculino como única forma de se prevenir contra IST/AIDS, enquanto que 22% não faziam nada.

Tabela 2. Formas de se prevenir contra IST/HIV-AIDS utilizadas por estudantes do sexo masculino de uma escola pública estadual do Recife – PE, 2010.

Formas de prevenção	n=50	%
Camisinha feminina	–-	–-
Camisinha masculina	35	70%
Camisinha feminina e masculina	04	08%
Nada fazem	11	22%

A Tabela 3 apresenta a televisão como o principal meio de divulgação de informações sobre métodos preventivos, com 56% das respostas, seguido dos serviços de saúde (38%), e dos cartazes e folhetos (32%). A escola foi mencionada em 12%. Sobre a disposição em ter relações sexuais com o uso do preservativo feminino, observa-se equilíbrio de opiniões, com 50% respondendo "sim" e 50% respondendo "não". Ainda pela tabela 3, pode ser verificado que apenas 10% já tiveram relação sexual em que o preservativo feminino foi utilizado, enquanto 90% nunca tiveram essa experiência. Foi

verificado também que os jovens achariam mais convenientes adquirir o preservativo feminino (quando o adquirem), 92% em farmácias, 16% com amigos, 8% nos supermercados e 8% em *sex shop*.

Tabela 3. Opinião sobre preservativo feminino de estudantes do sexo masculino de uma escola pública estadual do Recife – PE, 2010.

Onde ouviu falar sobre a camsinha feminina*	**Intenções**	**%**
TV	28	56
Rádio	04	08
Cartaz/Folheto	16	32
Jornal	09	18
Serviço de Saúde	19	38
Revista	01	02
Consultório Médico	06	12
Com amigos	17	34
Farmácia	03	06
Escola	06	12
Nunca viu/ouviu	02	04
Disposição a ter relação sexual com o uso da camisinha feminina	**n=50**	**%**
Sim	25	50
Não	25	50
Relação em que a parceira usou a camisinha feminina	**n=50**	**%**
Sim	5	10
Não	45	90
Local de aquisição da camisinha feminina*	**Intenções**	**%**
Farmácia	23	92
Com amigos	04	16
Supermercado	02	08
Sex shop	02	08
Motel	–	–
Casas de programa	–	–

*Poderia marcar mais de uma alternativa;

Quando questionados sobre a impressão a respeito do preservativo feminino, muitos estudantes opinaram princinpalmente pelas opção *feio* ou *esquisito/estranho* (40% para cada). Sobre a permanencia de uso de tal preservativo, 100% responderam que não utilizivam mais em suas relações.

Sobre o uso do preservativo masculino, em relações consideradas estáveis, o uso com a namorada, realizou-se 24% *às vezes*, e 12% *nunca*, perfazendo 36%, enquanto que 2% nunca o utilizaram com esposa. Ressalta-se que mesmo afirmando terem relações estáveis, alguns entrevistados responderam que utilizavam sempre o preservativo masculino com parceiras ocasionais (40%).

Sobre o motivo de não usar o preservativo masculino na relação sexual, muitos afirmaram deixar de utilizá-lo por confiança no parceiro (30%), por não ter no momento (28%) ou porque o mesmo diminui o prazer sexual (20%). Além de não ser utilizado em todas as relações sexuais, o uso do preservativo masculino varia de acordo com a trajetória afetivo-sexual em uma relação estável, e apesar de 70% dos estudantes terem afirmado que sempre o utilizaram em uma relação estável, ainda é possível perceber que uma parcela da amostra, 20%, negligencia seu uso desde o início. Assim como com o preservativo feminino, os estudantes também costumam adquirir os preservativos masculinos em farmácias (74%), com amigos (34%) e em postos de saúde (32%).

DISCUSSÃO

Segundo estimativas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), em 2009, o percentual da população de 10 a 24 anos de idade correspondia a 26,5% do total da população brasileira. Em Pernambuco, os jovens do sexo masculino na faixa etária dos 15 aos 19 anos correspondem a 11,5% da população estadual. Pode-se visualizar que nessa faixa etária há maior probabilidade de início precoce das relações sexuais, atreladas aos tabus e preconceitos, aumentando assim o risco e lhes tornando mais vulneráveis às IST/HIV/AIDS.[8]

Para a UNAIDS risco é definido como a probabilidade ou possibilidade de uma pessoa contrair a infecção pelo HIV. Certos comportamentos criam, reforçam e perpetuam o risco. A vulnerabilidade decorre de uma série de fatores fora do controle da pessoa, que reduzem a capacidade dos indivíduos e das comunidades para evitar o risco de contrair HIV incluem: falta de conhecimento e habilidades necessárias para proteger a si e aos outros; fatores relacionados à qualidade e cobertura dos serviços; fatores sociais, tais como violação dos direitos humanos ou as normas sociais e culturais esses fatores, isoladamente ou em combinação, podem criar ou agravar a vulnerabilidade individual e coletiva para HIV.[9]

ISSN: 1981-8963 DOI: 10.5205/reuol.1718-1196-1-LE.0511spe201104

Para o Ministério da Saúde, cerca de 630 mil pessoas com idade de 15 a 49 anos vivem com o HIV, sendo registrados desde a década de 1980 até junho de 2009, 544.846 diagnósticos e a cada ano são feitos de 33 a 35 mil novos diagnósticos. Destas notificações feitas pelo MS, o Nordeste aparece com 12%, aproximadamente 64.706 dos casos.[10]

A sexualidade é a dimensão do ser humano que envolve gênero, identidade, orientação, fantasia, desejo, erotismo, envolvimento emocional, crenças, atitudes, valores, papéis, relacionamentos, comunicação, contracepção, saúde sexual e reprodutiva. Portanto, sua prática necessita ser consciente e saudável. Diferentes são as expressões que definem homem e mulher e geradas a partir de suas representações sociais e culturais.[11]

A orientação sexual significa por quem sentimos o desejo de nos relacionarmos sexual e amorosamente e resulta de vários fatores. Quando a temática sobre heterossexualidade e homossexualidade é abordada entre os jovens, gera ainda um grande desconforto e levam muitos deles a mentirem sobre sua "opção sexual", isso pode ter grande relação ou ser fator determinante para que todos (100%) tenham se autodeclarado heterossexuais, pois temem rótulos e preconceitos.[12]

Parte dos entrevistados (70%) é a favor do preservativo masculino, o que pode estar relacionado ao desconhecimento acerca do preservativo feminino ou a falta de acessibilidade ao mesmo. Sabe-se que se trata de uma "bolsa plástica" fina, com dois anéis flexíveis nas extremidades, onde a extremidade menor é introduzida na vagina aderindo-se ao colo do útero e a extremidade maior recobre parcialmente grandes e pequenos lábios.[13]

Outro aspecto importante que cabe ser ressaltado é a relação desse achado (utilização preponderante do preservativo masculino) com hábitos culturais que influenciam o modo como homens e mulheres se comportam na sociedade e propiciam o aparecimento das diferenças de gênero, que restringem o acesso principalmente das mulheres às informações sobre saúde sexual e reprodutiva, pois quem detém o poder (nesse caso, o homem) tem mais chances de garantir o uso do preservativo, como também não aceitar o uso.[14]

Por sua vez, o resultado obtido no presente estudo é semelhante a outro, realizado em escolas públicas e privadas no município de São Paulo-SP, onde também foi constatado um maior uso do preservativo masculino em detrimento ao feminino.[15]

O fato de 22% dos participantes relatarem nada fazer para se prevenir contra IST/AIDS, pode estar relacionado ao fato de não terem vida sexual ativa, possuírem um parceiro fixo e acharem que os preservativos não necessitam ser usados com quem se ama ou também associar-se a questões de gêneros, pois mesmo com o conhecimento que relações desprotegidas representa perigo os homens que comumente não se protegem e não permitem que isso seja feito pela parceira — fato relacionado muitas vezes, à "pressão" de amigos contra o uso de preservativos[13]. O uso da camisinha aparece relacionado ao poder de controle do homem sobre a reprodução e a fertilidade feminina.[11]

Os resultados apresentados na tabela 3 confirmam a necessidade de se divulgar, para a população em geral e, sobretudo aos jovens em idade escolar, a importância de métodos preventivos contra IST/HIV/AIDS e dos métodos contraceptivos. É sabido que a televisão funciona como grande "veículo" de informações e uma das estratégias mais eficazes como meio de divulgação. Isso é ratificado pelo percentual de estudantes (56%) que afirmaram ter ouvido falar sobre preservativo feminino por meio da televisão.

Notou-se, também, a influência positiva dos serviços de saúde exercendo seu papel como fonte educativa, pois 38% relataram ter obtido conhecimentos a respeito do preservativo feminino nesses locais; 32% da amostra referiram que por intermédio de cartazes e folhetos se informaram acerca do preservativo, reforçando a ideia de que materiais desse tipo, com linguagem adequada, funcionam como meios apropriados de orientação sexual e medida a ser utilizada; e em uma menor proporção a escola também é mencionada (12%). Os processos de comunicação são importantes instrumentos para informar e prevenir a população do risco da epidemia da AIDS, transmissibilidade de IST e gravidezes indesejáveis. Desempenham grande função no processo de socialização dos adolescentes.[16]

No que se concerne à disposição em ter relações sexuais com o uso do preservativo feminino, constatou-se um equilíbrio de opiniões, pois 50% se mostraram disponíveis a tal prática e 50% não. Isso pode estar entrelaçado nas questões de gênero abordadas anteriormente, assim como na disponibilidade e acessibilidade aos dois tipos de preservativos.

Os 10% de participantes que referiram nunca ter utilizado o preservativo feminino em relações sexuais, ainda é baixo, pois mesmo vivendo-se em uma época onde as

ISSN: 1981-8963 DOI: 10.5205/reuol.1718-1196-1-LE.0511spe201104

informações e notícias são disseminadas rapidamente pela internet e outros meios de comunicação, os jovens ainda são cercados de dúvidas sobre como exercer a sexualidade com menos riscos, como utilizar os preservativos, o que fazer para se proteger das IST e da ocorrência de gravidezes e por conseguinte da paternidade, inclusive[1]. Alguns autores afirmam que a bons níveis de comunicação familiar são descritos como elementos de diminuição dos problemas comportamentais típicos do adolescentes.[17]

Com relação a referencia do *sex shop* como local conveniente par aquisição do preservativo feminino, é um dado novo, pois em outras literaturas os jovens não o citam, como um local "propício" para aquisição de preservativos. Isto pode ser respondido pela facilidade que possuam em frequentá-los, ou também por se sentirem mais a vontades em adquirir tais produtos nos referidos locais.

A impressão *feio* ou *esquisito/estranho* sobre o preservativo feminino foi apresentada em 40%, respectivamente. E Isso traduz uma "barreira" ao seu uso, pois devido à sua imagem negativa, muitos jovens afastam a mais remota possibilidade do preservativo feminino ser utilizado pela parceira no momento da relaçcão sexual. Também, acarreta o aparecimento da negativa, quando questionados sobre a permanência da utilização de tal preservativo, visto que 100% responderam que não o utilizavam mais em suas relações.

Muitos jovens por conceberem uma relação estável como segura, negligenciam o uso de preservativos nas relações sexuais, pois acreditam que o amor os protegem de IST/HIV/AIDS, aliado à imaturidade para "dizer não", que gera a insegurança e o medo de perder o parceiro, podem explicar tal fato[18]. Isso é ratificado no presente estudo, na tabela 5, onde é observado que os pesquisados usam de modo aleatório, inconsistente e não contínuo os preservativos, já que 24% utilizaram às vezes ou nunca, 12%, com as namoradas, perfazendo 36%, e 2 % nunca o utilizaram com esposa, ambas relações consideradas estáveis.

Outro aspecto a ser analisado, é que mesmo afirmando terem relações estáveis, também, tiveram "relações extras, não oficiais", com os chamados parceiros ocasionais ou ficantes, que os tornam mais vulneráveis e expostos às IST/HIV/AIDS, assim como, suas respectivas parceiras (namoradas/esposas), pois muitos responderam que utilizavam esporadicamente preservativos com namoradas/esposas, ao passo que sempre os utilizavam com parceiras ocasionais.

CONCLUSÃO

Os estudantes desse estudo, em sua maioria, tinham 16 anos de idade, cursando o 2°ano do ensino médio, heterossexuais e solteiros. Os resultados mostraram opiniões variadas sobre os preservativos masculinos e feminino, e direcionaram para o desconhecimento sobre o preservativo feminino, implicando na sua baixa aceitação por parte dos pesquisados. Estes se mostraram favoráveis ao uso dos preservativos masculinos nas relações sexuais, contudo, essa utilização não foi rotineira, principalmente em relação estável, onde deixaram de utilizá-lo.

Os jovens opinaram que adquirir os preservativos em farmácias, postos de saúde e amigos é mais conveniente, também relataram que obtiveram conhecimentos sobre os preservativos por meio da televisão, cartazes/folhetos, postos de saúde e em menor proporção a escola também foi citada. Nessa ótica, a Educação em Saúde voltada para o exercício responsável com vista à prevenção e promoção da saúde são aspectos preponderantes a serem trabalhados por profissionais da saúde, família e escola, inclusive.

O fato de a pesquisa ter se realizado em ambiente escolar pode ter implicado em alto índice de relatos sobre uso de preservativos nas relações sexuais. Outro aspecto a ser enaltecido é que mesmo a amostra não sendo representativa para toda a população de escolares do Recife-PE, os resultados são coerentes com a literatura pesquisada e suscita para a necessidade de estratégias a serem implementadas entre os adolescentes a respeito de IST/HIV/AIDS.

Nesse sentido, a escola deve se propor a ser um espaço adequado para o desenvolvimento de habilidades biopsicossociais em que crianças e jovens para que possam ser capazes de interpretar os perigos do mundo que os cercam, tornando-se menos vulneráveis. No entanto, para que a escola exerça esse papel é importante a participação da família, fornecendo orientação, apoio, estabelecendo diálogos francos com os adolescentes.

Os dados desse estudo indicaram ainda que é preciso realizar abordagens junto à população jovem escolar, sobre o exercício da sexualidade positivo e práticas de sexo mais seguro. Apoio financeiro e técnico, programas que estabeleçam igualdade de gênero, investir em medidas educativas apropriadas ao

contexto de cada universo jovem, são fundamentais na luta contra IST/HIV/AIDS.

AGRADECIMENTO

● Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/CNPq PIBIC/UFPE.

● A Escola Dom Bosco, pela autorização para a realizaçao desse estudo.

● Aos alunos que voluntariamente participaram desse estudo.

REFERÊNCIAS

1. Silva MOME, Araújo EC. Aceitação e uso dos preservativos por universitários da área de saúde. Rev Enferm UFPE on line[periódico na internet]. 2007[acesso em 2011 dez 04];2:111-4. Disponível em: http://www.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/20-8786-1-/pdf_160 DOI: 10.5205/reuol.20-8786-1-LE.0101200715

2. Araújo EC, Oliveira EM. Grado de entendimiento sobre el vih y el sida entre jóvenes de sexo masculino basado en la teoria de las representaciones sociales. Enfermería Global. 2008 feb[acesso em 2011 dez 08];7(12):1-15. Disponível em: http://revistas.um.es/eglobal/article/view/1071

3. Araújo EC. Adoção de práticas de sexo mais seguro de jovens do sexo masculino [Tese]. São Paulo (SP): Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de São Paulo; 2001.

4. Gil AC. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas; 2006

5. Polit DF, Hungler BP. Fundamentos da pesquisa em enfermagem. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995.

6. Organización Mundial de La Salud. La salud de los jóvenes: um reto y uma esperanza. Genebra; 1995.

7. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução Nº 196, de 10 de outubro de 1996: diretrizes e normas reguladoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde; 1996.

8. BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística 2000 [online] [acesso em 2011 14 jun]. Disponível em: http://www.ibge.gov.br

9. Informe sobre La epidemia mundial de SIDA, 2008[online]. Abordar las causa sociales Del riesgo y la vulnerabilidad al VIH [acesso em 2011 jun 11]. Disponível em: http://data.unAIDS.org/pub/GlobalReport/2008

10. Brasil. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico AIDS – DST. Brasília; 2010.

11. Asineli-Luz A, Fernandes Júnior N. Gênero, adolescências e prevenção ao HIV/AIDS. Pró-Posições 2008; 19(2): 81-97.

12. Picazio C. Diferentes desejos: adolescentes homo, bi e heterossexuais. São Paulo: Summus; 1998.

13. Costa AV, Ferreira HMS, Nogueira JS, Araújo EC. Opiniões dos estudantes de enfermagem sobre os preservativos masculino e feminino. Rev Enferm UFPE on line[periódico na internet]. 2007 jul/set; 1(1):43-53 Disponível em: http://www.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/11/pdf_166

14. Villela WV, Doreto DT. Sobre a experiência sexual dos jovens. Cad Saúde Pública. 2006; 22(11): 2467-72.

15. Martins LBM, Costa-Paiva LHS, Osis MJ, Sousa MH, Pinto Neto AM, Tadini V. Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, Brasil. Cad saúde Pública. 2006; 22(2):315-23.

16. Camargo BV, Barbará A. Efeitos de panfletos informativos sobre a AIDS em adolescentes. Psicol teor Prát. 2004;20(3): 279-87.

17. Gubert FA, Vieira NFC, Pinheiro PNC, Oliveira EM, Albuquerque IM'NA. Comunicação acerca da sexualidade entre pais e filhos adolescentes: estudo de revisão de literatura. Rev. Enferm. UFPE on line 2009 out/dez[acesso em 2011 dez 08];3(4): 329-34. Disponível em: http://www.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/126/126

18. Santos FS, Rodrigues OCFL, Araújo EC, Vasconcelos EMR. Opinião de adolescentes entre os 10 aos 14 anos sobre a pílula anticoncepcional e os preservativos masculino e feminino. Rev Enferm UFPE on line[periódico na internet] 2007[acesso em 2011 dez 04];1(2):189-95. Disponível em: http://www.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/381-8810-1-/pdf_185

Sources of funding: PIBIC/FACEPE/CNPq
Conflict of interest: No
Date of first submission: 2011/12/03
Last received: 2011/12/12
Accepted: 2011/12/13
Publishing: 2011/12/22

Corresponding Address

Ednaldo Cavalcante de Araújo
Universidade Federal de Pernambuco
Departamento de Enfermagem
Av. Prof. Moraes Rego, s/n, 2º piso do bloco A
Anexo ao Hospital das Clínicas/UFPE
Cidade Universitária
CEP: 50670-901 – Recife (PE), Brazil